

ME IDENTIFICO



AS VOZES INVISÍVEIS POR
TRÁS DO USO DE DROGAS

JONAS SOUZA E VIVIANE ARAÚJO

JONAS SOUZA
VIVIANE ARAÚJO

ME IDENTIFICO

AS VOZES INVISÍVEIS POR
TRÁS DO USO DE DROGAS

CAMPINA GRANDE - PB
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

Reitora

Célia Regina Diniz

Vice-reitora

Ivonildes da Silva Fonseca

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)

Diretor

Rômulo Ferreira de Azevedo Filho

Diretor Adjunto

Ricardo Ferreira Dantas

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (DECOM)

Chefe de departamento

Maria Salete Vidal da Silva

Chefe adjunto de departamento

Luís Adriano Mendes Costa

COORDENAÇÃO DO CURSO

Coordenador

Orlando Ângelo da Silva

Coordenador adjunto

Rostand de Albuquerque Melo

BANCA EXAMINADORA

Prof^{fa}. Dr^a. Robéria Nádia Araújo
Nascimento

Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto

ORIENTAÇÃO

Prof^{fa}. Dr^a. Verônica Almeida de Oliveira Lima

TEXTOS E FOTOGRAFIAS

Jonas Souza Almeida

Viviane Dos Santos Araújo

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Jonas Souza Almeida

TIPOLOGIA

Anton

Architects Daughter

Crimson Text

ILUSTRAÇÕES DE CAPA

Pixabay

*Escrever é procurar entender,
é procurar reproduzir o irreproduzível,
é sentir até o último fim o sentimento que
permaneceria apenas vago e sufocador.*

— Clarice Lispector

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
SÉRGIO.....	11
KAROLINA.....	20
LUCAS.....	31
VINICIUS.....	40
FERNANDO.....	52
IVAN.....	66



APRESENTAÇÃO

**A CURA NÃO
APAGA O
PASSADO,
MAS ILUMINA
O FUTURO**

Em um país onde o debate sobre drogas muitas vezes se reduz a discursos moralistas ou estatísticas frias, **Me Identifico - As vozes invisíveis por trás do uso de drogas** surge como um exercício de escuta e como um convite para enxergar além dos estigmas. Este livro-reportagem não é um tratado sobre vícios, nem um manual de superação. É, antes de tudo, um mosaico de humanidade.

Por meio do Jornalismo Literário, mergulhamos nas trajetórias de seis moradores de Campina Grande, Paraíba, cujas vidas foram atravessadas pelas drogas. Aqui, as substâncias, sejam lícitas ou ilícitas, não são o tema central, mas o pano de fundo para explorar questões mais amplas: como abandono parental, violência doméstica, exclusão social, identidade e a busca por pertencimento.

Sem julgamentos, a obra não glamouriza o vício nem o reduz a um fracasso moral. Mostra como ele surge, muitas vezes, como solução desesperada para feridas antigas. Ao ler essas narrativas, o leitor não encontrará heróis ou vilões, mas seres humanos complexos, cheios de contradições.

Os relatos apresentados têm origem em entrevistas reais, porém as identidades dos personagens foram substituídas por nomes fictícios, preservando a privacidade e a intimidade de quem compartilhou suas histórias conosco.

O título do projeto nasceu em reuniões do Narcóticos Anônimos (NA), localizado na Rua Pernambuco, no Bairro da Liberdade, em Campina Grande. Foi ali, naquele espaço de partilha, que nos dispusemos a escutar as dores e superações dos participantes, que nos receberam com acolhimento e respeito. Durante os encontros, quando alguém compartilha sua luta contra o vício, é comum ouvir dos outros membros um sincero “Me identifico”. Essa simples expressão, carregada

de significado, tornou-se o título escolhido, pois captura a essência do nosso trabalho: revelar experiências individuais que, em sua singularidade, refletem dores coletivas.

Essa vivência também nos aproximou da trajetória da própria organização. O NA, fundado em 1953, é uma associação internacional sem fins lucrativos, amplamente reconhecida pelo trabalho de apoio a dependentes químicos.

É importante destacar que a dependência química não é uma questão apenas individual, mas um sintoma social. Um sintoma que exige políticas públicas e uma mudança de olhar.

Então, para quem é este livro? Para quem acredita que toda história merece ser ouvida. Para profissionais da saúde, educação e assistência social que buscam entender as raízes do vício. Para quem já se perguntou como a sociedade falha com os mais vulneráveis. Para quem tem coragem de substituir o preconceito pela empatia.

Que, ao concluir a leitura, o leitor não enxergue apenas mais um “drogado”, mas sim um ser humano cuja voz ainda não havia sido escutada.



I.

SÉRGIO

**LÁ
TEM
CANA?**

A Feira da Liberdade, em Campina Grande, completou 70 anos em 2024, e é um lugar que transborda história. Enquanto caminhávamos por seus corredores, entre os barracões de frutas, verduras e o cheiro de carne fresca, encontramos Sérgio, 52 anos, viúvo, que segue sua rotina entre o trabalho e o alcoolismo. Campinense, nascido no dia 29 de setembro de 1972, foi criado no Bairro da Liberdade, onde atualmente pega fretes com um carrinho de mão. Mas não carrega apenas mercadorias; carrega também histórias de amor, perdas, sonhos interrompidos e o vício que teima em não largá-lo.

Naquela manhã de março, Sérgio nos recebeu com uma simplicidade notável. Ele estava sentado em um banco num pequeno bar. Seu semblante triste contava mais do que palavras poderiam expressar. Enquanto nos aproximávamos, ele nos cumprimentou e prontamente aceitou realizar a entrevista. Fomos para uma área mais reservada e a conversa começou a fluir, como se ele já nos conhecesse há anos.

Filho de Dona Helena, atualmente com 79 anos, e do falecido Seu José, Sérgio é o quarto entre seis irmãos – três mulheres e três homens. A infância foi vivida com a simplicidade de quem encontrava alegria no futebol e na companhia dos amigos.

— Foi bom, graças a Deus.

A sombra da violência doméstica pairou sobre sua família. Sérgio lembra do relacionamento conturbado de seus pais, com brigas frequentes e do sofrimento de sua mãe.

— Meu pai a espancava e eles se separaram. Eu ficava triste porque ele espancava minha mãe. Eu era criança e não podia fazer nada.

Quando Sérgio era adolescente, Dona Helena decidiu se

separar, pois não aguentava mais ser agredida pelo marido. Junto com os filhos, mudou-se para o bairro do Quarenta. Viviam em um quartinho alugado e ela trabalhava como cozinheira em casas de famílias para sustentar a sua própria com um salário mínimo, enquanto Sérgio ajudava trabalhando na Feira.

Continuamos ouvindo sua história: estudou até a quarta série no Grupo Escolar Murilo Braga, uma das instituições de ensino mais antigas da cidade. Repetiu algumas vezes e acabou desistindo dos estudos de vez, apesar do incentivo da mãe.

— Fui reprovado. Eu era muito ignorante e chato com as professoras. Aí desisti.

Aos poucos, Sérgio foi nos revelando os detalhes de sua vida, como se estivesse desfiando um novelo de memórias. Contou que, apesar do sofrimento, guarda boas lembranças desse período. Foi nessa época, entre as ruas de terra, que Sérgio ousou sonhar em ser jogador de futebol.

— Eu era conhecido, era o melhor jogador. Os meninos me conheciam. Era meu sonho.

O sonho, porém, foi interrompido pela mãe, que não permitiu que ele fosse treinar na escolinha do Sport Club do Recife, em Pernambuco, por conta da pouca idade.

— Hoje ela se arrepende, porque eu bebo todo dia. Ela diz: era pra eu ter deixado ele ter ido.

Aos doze anos, Sérgio passou a trabalhar na Feira da Liberdade e foi ali onde fez amizades que duram até hoje. Com o passar do tempo, tornou-se açougueiro e destaca isso como um marco em sua vida.

— Eu passei 18 anos sendo açougueiro. Fui trabalhar na

Feira Central e na Feira da Liberdade. Trabalhei oito anos com um rapaz aqui num açougue.

Em 2023, decidi largar o açougue, adquiri um carrinho de mão e passou a trabalhar pegando fretes diariamente.

Enquanto o escutávamos, ao nosso redor, a Feira continuava seu ritmo habitual. Ao meu lado, Viviane, minha parceira de projeto, dividia comigo a atenção àquela história tão pessoal. Ali, naquele pequeno espaço, éramos apenas nós e ele. Ela mantinha os olhos fixos em Sérgio enquanto fazia as perguntas e, em determinado momento, chegamos ao assunto mais dolorido de sua vida: a trágica vida amorosa.

Casou-se duas vezes e perdeu ambas as esposas. Vandira, a primeira, morreu de câncer de colo do útero aos 25 anos, em 2002, deixando-lhe três filhas pequenas - Valdelânia, Vanderléia e Vandelúcia. Da forma apaixonada que fala, ficou perceptível para nós que Vandira foi o grande amor de sua vida. Os dois se conheceram numa mesa de bar também no bairro da Liberdade e passaram 6 anos juntos antes do falecimento precoce dela.

— Ela disse: gostei de você. Eu disse: vou tomar conta de você.

Helena, a segunda, que possuía o mesmo nome de sua mãe e que ele chamava carinhosamente de Lena, faleceu em um acidente de moto aos 45 anos.

— Isso me abalou. Perdi duas mulheres.

As perdas foram devastadoras para Sérgio, que, tomado pela dor, encontrou na bebida uma forma de escapar da realidade. O álcool entrou em sua vida cedo, aos 17 anos, por influência do próprio pai nas peladas de futebol onde Seu José o levava.

— Tinha cerveja, tira-gosto. Minha mãe até brigava com ele por isso.

Após a perda das esposas, o vício veio à tona de vez e com ele suas consequências. Antes do falecimento de Lena, ele bebia socialmente, mas quando ficou viúvo se afundou na bebida.

— Eu tenho muita vontade de parar, mas não tem jeito.

Já tentou o Alcoólicos Anônimos, já foi internado três vezes, mas sempre volta a beber.

— Eu fui pro AA, mas não resolveu nada. Já fui pra igreja e não resolveu. Eu consigo passar uma semana, quinze dias. Já passei seis meses sem beber, mas quando começo de novo...

Sérgio afirma que se arrepende muito de ter tomado o primeiro gole.

— Quem bebe tem vontade de parar, mas parece que vem outra pessoa e incentiva: chega Sérgio, vamos tomar uma. Daí você não consegue dizer não e prossegue.

As crises de epilepsia, consequência do vício, já o levaram ao hospital mais de uma vez.

— Aqui dentro da Feira mesmo, já chamaram o Samu umas três vezes pra mim.

Segundo ele, alguns médicos já afirmaram que ele morreria em breve. Sérgio responde com deboche:

— Você não vai morrer também, não?

Apesar das dificuldades, Sérgio mantém o orgulho de ser trabalhador.

— O povo diz que sou trabalhador, mas que gosto de tomar uma. Eu digo: eu tomo com meu dinheiro ou com o seu?

O trabalho com fretes é sua principal fonte de renda. Ao contar isso, nota-se nele uma satisfação de quem, apesar de tudo, se sente útil.

— Daqui a pouco tenho um frete pra fazer. Aí tem outro. As pessoas já me conhecem. Quando eu quero trabalhar, não tem problema. Vamos simbora! Não bebo quando tenho que trabalhar. Tenho que saber o que tô fazendo. Já tenho meus fretes, já tenho minha freguesia.

A vida de Sérgio é feita de cicatrizes: no nariz, quebrado quando tinha 17 anos por um chute de um capoeirista durante uma confusão no Parque do Povo, onde chegou a ser levado para o Hospital Pedro I; no coração, marcado pela perda das esposas; e na alma, onde o álcool tenta preencher o vazio que o tempo não curou.

Hoje, ele vive com a mãe em uma casa simples no bairro que o viu crescer. A rotina é clara: acorda cedo e vai para a Feira, onde passa o dia. Retorna para casa e o ciclo se reinicia no dia seguinte. Para ele, a Feira é mais do que um local de trabalho; é o palco de suas memórias, amizades e de suas escapadas com a bebida.

— Todos os dias tô aqui de quatro horas da manhã até cinco da tarde.

Sérgio tem orgulho de suas filhas, todas casadas e que seguiram suas próprias vidas. Duas vivem em João Pessoa e uma permanece em Campina Grande. Ele é avô de cinco netos e conta com alegria que é chamado de “voinho” por eles. Não quis mais se casar, pois tem medo de sofrer outra perda. Hoje em dia, prefere curtir a vida e deixa subentendido que frequenta casas de prostituição.

— Morreu a primeira e morreu a segunda. Aí, de lá pra

cá, eu não quis mais ninguém não. Eu pego uma e outra e pronto. Eu sou solteiro, vivo com minha mãe. Aí o que eu ganho é só pra minha diversão, tomar minhas canas.

Mas ele não esconde a solidão e orgulha-se por não ser um bêbado violento. À noite, chega em casa, é recebido por Dona Helena e vai dormir.

— Eu chego em casa, só mora eu e minha mãe. Fico lá só olhando pras paredes. Eu chego em casa daquele jeito, direto pra cama. Vou pro meu quarto. Quando eu me recupero, tomo banho. Aí ela diz: já vai de novo? Eu digo: calma e paciência.

A bebida, que antes era social, tornou-se um refúgio para as dores que carrega.

— Eu quero conseguir parar, mas não tem jeito.

Sérgio não faz muitos planos para o futuro, mas reforça o desejo de parar de beber para viver mais. Uma das filhas já se ofereceu para cuidar dele, mas ele resiste.

— Semana passada, ela me disse: painho, eu vou cuidar do senhor. Eu respondi: não precisa, minha filha. Eu vou morrer antes dos 80 anos.

Ele acredita em Deus, é católico e já frequentou a Igreja Verbo da Vida, mas não vai mais.

— Tô pensando ir de novo. Eu tenho muita vontade de ir.

Revela ter uma vizinha evangélica que o chama frequentemente para ir à igreja. Sua resposta é sempre irônica:

— Lá tem cana?

Ao nos despedirmos de Sérgio, sentimos uma mistura de empatia e tristeza. Não era apenas mais uma pauta de jornalismo: era um encontro humano, com alguém que tem muito a dizer. Viviane tocou sua mão num gesto de carinho,

e Sérgio retribuiu com um olhar choroso. Foi nesse momento que Viviane também chorou.

As palavras de Sérgio, a dor estampada em seu rosto, tudo isso nos tocou profundamente. Como jornalistas, sabíamos que estávamos ali para contar uma história, mas, como seres humanos, estávamos ali também para ouvir e sentir. Saímos carregando a gravação da entrevista e a certeza de que, ao dar voz a Sérgio, estávamos também dando voz a muitos outros que, como ele, lutam todos os dias contra o vício.

Ele é um homem comum, com falhas e limitações, que enfrenta as consequências de suas escolhas e das circunstâncias que a vida lhe impôs. A Feira da Liberdade é testemunha, dia após dia, de suas batalhas e também da falta de perspectivas claras de alguém que, ironicamente, almeja ser livre em um mundo que parece insistir em aprisioná-lo em ciclos de repetição.

No espaço de comércio, onde gerações se cruzam ao longo de 70 anos, ele se tornou parte da paisagem. Enquanto Sérgio existir, estará lá, entre os fretes e a mesa de bar, entre risadas alheias e conversas que não lhe pertencem. Seu nome, ecoa entre os corredores da Feira como um lembrete de que a vida nem sempre se molda em narrativas heroicas e lições inspiradoras.

Os dias de Sérgio desenham-se no vai e vem de seu carrinho de mão, que arrasta consigo o peso de perdas irreparáveis, mostrando o retrato cru da existência humana, sem filtros ou romantismos. Enquanto isso, a Feira, em seu turbilhão de vozes e passos apressados, se transforma num teatro ao ar livre onde Sérgio representa o papel de sobrevivente.



2.

KAROLINA

**PASSEI
MUITOS ANOS
INDO DORMIR
OUVINDO VOZES
DE PESSOAS
DISCUTINDO**

Karolina é uma jovem de cabelo preto e liso, e os óculos que usa reforçam sua aparência de estudiosa dedicada. Nasceu em 5 de outubro de 2000, em Campina Grande, carrega as marcas de uma infância difícil. Filha de Carla e Roberto, ela cresceu em um ambiente familiar marcado por tensões e, hoje, aos 24 anos, estuda e trabalha em busca de uma vida melhor.

Sua infância foi marcada por desafios. A primeira casa em que lembra ter morado era de reboco, sem cobertura nas paredes, no bairro do Araxá, em uma área conhecida como “invasão” – local de propriedade da Prefeitura. As ruas eram de terra, e os sons de tiros eram tão comuns que ela e o irmão, Caio, hoje com 21 anos, não se assustavam.

— Quando eu era criança, era comum escutar barulho de tiro de madrugada. Eu lembro que escutava e não achava nada demais. Era algo que não estava fora da realidade; era uma coisa normal.

Com uma sinceridade impressionante, Karolina abriu sua vida como quem abre um livro pela primeira vez, deixando que cada página revelasse um pedaço de sua história. Cada capítulo foi compartilhado com uma transparência tão grande que, ao final da entrevista, ficamos impactados. Foi uma daquelas conversas que exigem tempo para serem digeridas, tamanha a profundidade e a carga emocional envolvidas.

A separação dos pais, quando Karolina tinha entre 7 e 9 anos, foi um marco traumático. Roberto era agressivo, principalmente com ela e com a mãe.

— Eles não tinham uma relação muito boa, então era tudo muito tenso. O contexto familiar era difícil por causa da relação deles e das dificuldades financeiras. Desde que eu era pequenininha, costumava presenciar violência doméstica.

Meu pai não bebia, não usava drogas, nem nada. Fui exposta a situações que não deveria ter vivido quando criança. Havia muita agressividade em casa. Hoje, não tenho uma boa relação nem com a minha mãe, nem com o meu pai.

A situação só melhorou quando Carla decidiu se mudar para outro bairro, sem que o marido soubesse.

— Depois, a gente foi morar numa casa que era do meu tio. Era uma casa que ele cedeu para a gente por um tempo.

Por um período, após a separação, Roberto voltou a morar com a família e Karolina descreve esse tempo como um dos mais difíceis de sua vida.

— A infância toda foi marcada por esses momentos ruins. As discussões entre eles eram constantes, mas uma coisa que me marcou foi quando a gente já estava morando em outro bairro e meu pai voltou. A gente teve que passar um ano convivendo com ele porque a casa era dele. Foi muito difícil, porque a gente sofria com a convivência. Ele era uma pessoa muito agressiva. Isso acabou influenciando meu desempenho na escola. Eu sempre tive notas muito boas, mas dei uma caída. A situação mudou quando fui embora para outro bairro sem ele saber. Desde então, ele não sabe onde a gente mora.

Apesar das dificuldades, Karolina teve o privilégio de estudar em escolas particulares, graças ao apoio das tias, que pagavam as mensalidades.

— Uma pagava minha mensalidade e a outra pagava a do meu irmão. Tudo era por parte delas e da minha mãe também. Apesar de minha mãe não ser o tipo de pessoa que dava o exemplo, ela sempre incentivava e cobrava a gente a estudar. Eu estudava lá na Palmeira, estudei no Monte Santo e também estudei numa escola pública, que fica lá na Palmeira

também.

Karolina revela ser uma amante da literatura. Ela conta que, certa vez, encontrou uma caixa cheia de livros com o irmão e devorou todos.

— Nessa época da infância, eu gostava de ficar jogando no computador à tarde, assistir novelas e ler. Eu não tinha muito acesso a livros em casa. Só que, às vezes, quando a gente conseguia ter, eu sempre lia o que tinha por perto.

Na escola, era uma aluna dedicada, mas as diferenças socioeconômicas em relação às colegas começaram a pesar.

— Eu não tinha muita dificuldade em relação às amizades. Eu era uma criança meio tímida, mas não tinha muitos problemas. Acho que foi a partir do Fundamental II que comecei a ter mais dificuldades. Na escola particular, começou a questão financeira. Havia muita diferença entre mim e minhas amigas.

Enquanto suas amigas vinham de famílias com maior poder aquisitivo e moravam em bairros nobres de Campina, Karolina se sentia deslocada. As diferenças materiais e de estilo de vida, como não frequentar os mesmos lugares, reforçavam essa sensação, afetando sua autoestima e criando uma percepção de inferioridade que a acompanhou por anos.

Aos 17 anos, passou no Enem e ingressou na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) para cursar Letras - Português. Mas, após alguns anos, decidiu trancar a matrícula.

— Eu quis mudar de área.

O sonho de infância de ser cientista ou professora universitária ainda a acompanha.

— Eu sempre quis ser cientista. Sempre gostei muito de

física e de coisas relacionadas a ciências. Eu queria ser professora universitária; na verdade, até hoje eu quero. Também tinha vontade de ser arqueóloga. Na minha cabeça, eu queria ser como Indiana Jones.

A vida adulta trouxe novos problemas. Aos 18 anos, Karolina conseguiu seu primeiro emprego como atendente de telemarketing, onde trabalhou por quatro anos e meio. Hoje, está em outra empresa do mesmo ramo.

— A minha vida, antes da escala seis por um, era completamente diferente. Eu já tinha problemas com ansiedade antes, por causa da minha família, mas parece que tudo gira em torno do trabalho. Era muito cansativo. Hoje em dia, estou mais acostumada e estou num setor melhor, mas o trabalho me afetou muito, porque eu não tinha energia para fazer nada. Estava sempre mentalmente cansada.

Ela conta que sua ansiedade piorou depois que saiu de casa e passou a morar sozinha.

— Passei muitos anos indo dormir ouvindo vozes de pessoas discutindo. Quando eu ia dormir e não tinha ninguém brigando, e estava tudo em silêncio, eu me sentia culpada. Sentia uma angústia, como se tivesse alguma coisa ruim para acontecer a qualquer momento. É justamente relacionado a essa ansiedade que eu trouxe de estar acostumada a viver num ambiente de extrema tensão o tempo todo: tem alguma coisa acontecendo, tem alguém brigando, eu tenho que fazer tal coisa para que ninguém reclame, tenho que arrumar tudo antes que comecem a gritar. Isso acabou fazendo com que eu ficasse ansiosa.

O silêncio, antes raro, tornou-se um espaço para reflexão e, paradoxalmente, um gatilho para a ansiedade. Foi nesse momento que Karolina percebeu o peso das experiências

passadas e como elas continuavam a influenciar sua vida, mesmo que à distância.

— Senti que piorou muito depois que saí de casa. É parecido com quando você se machuca e só sente a dor depois. Quando eu saí para um contexto normal e comecei a perceber as coisas que tinha passado, sofri por mais um tempo. Universidade, pressão acadêmica, trabalho. Juntando tudo isso, influenciou.

Até então, o tema drogas era algo distante para Karolina, restrito a palestras e discussões escolares. No entanto, foi nesse contexto de tensão e ansiedade que ela teve seu primeiro contato. Aos 21 anos, em uma festa com amigos, experimentou maconha, marcando o início de uma nova etapa em sua vida.

A primeira experiência não foi positiva, passou por uma *Bad Trip* – gíria que descreve as sensações fisiológicas e psicológicas desagradáveis causadas pelo uso de drogas.

— Eu já tinha tido milhões de oportunidades antes, só que nunca tinha tido interesse. Na primeira vez, fiquei ansiosa e muito nervosa. Tentaram me acalmar.

Posteriormente, ela experimentou outras substâncias, como cocaína e LSD, em momentos de vulnerabilidade emocional.

— Foi quando terminei um relacionamento de sete anos e estava com problemas com a minha mãe. Eu não cheguei a usar com muita frequência, mas, por exemplo, em uma festa, eu e alguns amigos cheiramos pó. Nunca tive interesse em experimentar, mas, por me sentir muito mal na época, acabei experimentando. Acho que cheguei a usar umas duas vezes. Teve uma festa em que experimentei LSD, aquele da fitinha.

Da mesma forma, foi em um período em que eu estava enfrentando muitos problemas. Por causa disso, tentei fugir.

Para Karolina, o uso de maconha e álcool tornou-se uma forma de socializar e fugir da realidade.

— Eu não conseguia ficar em casa, não queria lidar com os meus problemas.

Ela menciona que, em algumas ocasiões, consome brownies que contêm cannabis. Esses brownies são bolinhos de chocolate, mas que têm a maconha incorporada em sua receita. Essa forma de consumo é uma alternativa ao ato de fumar e tem se tornado popular entre os jovens.

— Eu considero que foi algo espontâneo. Ninguém me forçou a nada, mas fui influenciada pelo momento que estava vivendo. Não tenho o hábito de ir comprar por conta própria. O que acontece é, que quando estou em um lugar onde meus amigos têm, eu uso.

O álcool, por sua vez, tornou-se um hábito nos fins de semana.

— Comecei a beber quando tinha dezoito anos, depois que consegui meu primeiro emprego. Teve um período em que eu bebia toda semana. Não era todo dia, mas sexta, sábado e domingo.

Karolina reconhece que o consumo excessivo afetou profundamente seus relacionamentos, mencionando um namoro que ela recorda com carinho.

— Ele não me acompanhava nesse sentido de beber tanto, e isso criou um distanciamento. Muitas vezes, eu saía só com amigos e ele não estava presente. Aí, quando a gente se via, isso meio que aumentava a distância entre nós e contribuiu para o fim da relação.

Ela conta que cresceu em uma família evangélica, mas sua mãe deixou a igreja quando ela ainda era criança. Karolina permaneceu por algum tempo, mas, aos 14 anos, também se afastou e, hoje, se identifica como agnóstica.

— Eu não sou nenhum pouco religiosa. Hoje em dia, nem eu, nem minha mãe, ninguém do meu entorno é religioso.

Há cinco meses, iniciou tratamento para ansiedade e reduziu drasticamente o consumo de substâncias. A terapia tem sido fundamental para Karolina entender e lidar com os traumas da infância.

— Eu carregava todos os problemas de ter passado mais de 20 anos numa família disfuncional. Depois de um tempo fazendo terapia, eu percebo muito do problema. Já faz quase quatro anos que eu saí de casa. Quando eu saí, achei que magicamente meus problemas iam sumir, que eu ia resetar.

Ela revela que a maconha a ajuda a dormir e a relaxar quando usa com moderação, mas vê o uso diário como um sinal de problema.

— Já fiz testes em relação a isso. Ajuda pra caramba se não usar com frequência. É bom para dormir. Não é uma coisa que me afeta e dificulta a minha vida. O que eu percebo é que muitos amigos usam com frequência a ponto de precisar todo dia, aí é um problema. Eu acho que se você usa todo dia, é porque tem algo errado. Se você está fugindo da sua vida o tempo todo, tem algum problema com ela.

Karolina acredita que a sociedade é hipócrita ao tratar a dependência química apenas como um problema da droga em si, sem considerar o contexto que leva as pessoas ao uso dela.

— Eu acho que existe muita hipocrisia. Colocam o problema nas drogas em si e não percebem que isso está

relacionado a um contexto maior. Obviamente, há drogas que, independentemente do contexto, são problemáticas, mas existe todo um contexto ao redor de quem usa, da situação que leva as pessoas a usarem. Há tantas questões em volta disso que deveriam ser tratadas e resolvidas antes de pensar apenas no problema da droga.

Atualmente, Karolina estuda para o Enem, almejando migrar para a área de exatas. Seu desejo é poder se dedicar exclusivamente aos estudos, se possível com uma bolsa universitária. Ela planeja continuar morando sozinha e imagina um futuro com menor consumo de álcool e maconha, mantendo apenas o uso recreativo e ocasional. Se pudesse voltar atrás, confessa que teria bebido menos, mas não se arrepende de ter começado a usar maconha.

Hoje, ela diz entender o valor do tédio e a importância de aprender a lidar consigo mesma, algo que pode ser relacionado ao que o psicólogo Jordan Peterson ensina sobre a importância de limpar o próprio quarto em seu livro *12 Regras para a Vida: Um Antídoto para o Caos*. O autor canadense fala sobre como, ao organizar o ambiente em que vivemos, conseguimos estabelecer uma base para melhorar a nossa vida interna.¹

— Uma coisa que mudou para mim foi justamente nos momentos em que tive coragem de parar e ficar em casa, em vez de ficar fugindo e saindo. Eu não conseguia ficar no meu quarto sozinha pensando. Sentia que estava gastando muito e tinha dificuldade para lidar com alguns problemas da vida real porque não conseguia parar em casa. Eu sempre estava arranjando algum lugar para ir.

O período de introspecção representou uma oportunidade única para Karolina refletir sobre sua vida e suas

escolhas. Longe das distrações e dos hábitos que antes preenchiam seu tempo, ela se viu confrontada com sentimentos que haviam sido ignorados por anos.

— Quando comecei a ficar em casa e lidar com meu próprio tédio e com o vazio que sentia, foi quando comecei a olhar para coisas que eu podia mudar na minha própria vida. Por exemplo, se eu não era feliz e não me sentia bem no meu quarto, quando passei a ficar mais nele, sóbria, comecei a perceber as coisas que podia melhorar. E, ao melhorar o quarto, acabei começando a gostar mais de ficar nele.

Karolina segue caminhando e cada passo é uma linha escrita no livro de sua vida, onde as páginas já foram marcadas por lágrimas. Apesar dos desafios, demonstra autoconhecimento, conquistado na terapia e nas horas silenciosas de reflexão sobre as cicatrizes que a moldaram.

Ergue-se, buscando uma vida estável, enquanto o eco das discussões dos pais ainda persiste, distante, mas presente, como um sussurro que não se cala. Em seu quarto, antes caótico e agora refúgio, ela aprende a conviver com o vazio e a ressignificá-lo.

¹ **PETERSON**, Jordan B. 12 regras para a vida: um antídoto para o caos. Tradução de Alberto G. Streicher e Wendy Campos. Rio de Janeiro: Altabooks, 2018.



3.

LUCAS

**FOI COMO
SE EU
FINALMENTE
CONSEGUISSSE
RESPIRAR**

Lucas, nascido em 19 de setembro de 2003, em Campina Grande, atualmente mora sozinho e cursa Economia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), dividindo seu tempo entre os estudos e o trabalho.

Filho único, ele cresceu no bairro Jardim Borborema em um lar onde os pais sempre buscaram oferecer o melhor dentro de suas possibilidades. A mãe, auxiliar de RH, e o pai, operador de máquinas, ambos com ensino médio completo, construíram uma vida estável, mas não isenta de conflitos familiares comuns, que Lucas descreve como parte de sua formação.

— Nada traumático, mas com coisas que deixaram marcas.

Embora sua infância tenha sido tranquila, enquanto as outras crianças brincavam na rua, ele preferia a solidão do quarto, longe do barulho do mundo. E é assim, reflexivo e com um jeito calmo de falar, que ele conta sua história.

— Na infância, sempre gostei de ficar mais sozinho. Não era muito sociável. Eu tinha meus amigos da escola, mas gostava de estar somente em casa.

O avô João, figura importante em sua vida, faleceu durante a infância de Lucas e deixou um vazio emocional que só a sua avó Lourdes conseguiu preencher. Com ela, construiu um vínculo mais forte do que o que tinha com os próprios pais.

— Eu sempre fui muito apegado a ela e até hoje eu sou.

Havia uma cobrança constante dos pais, um mantra repetido à exaustão: você tem que se tornar alguém na vida. A frase, dita num tom de pressão, ecoava em sua mente. Era como se dissessem: te vira. A cobrança vinha principalmente do pai, com quem a relação não era das melhores.

— Sempre tive uma relação muito tranquila com a minha

mãe, mas a minha relação com meu pai não era muito boa. Hoje em dia está bem melhor, mas, naquela época, não era boa.

O ensino médio trouxe novos desafios. A rotina pesada de estudos integrais, da manhã até a noite, o deixava exausto e desesperançoso.

— Eu sentia um desespero, porque eu imaginava que ia ter que repetir aquela rotina no outro dia.

A ansiedade, que já dava sinais discretos em sua vida, explodiria de forma mais aguda anos depois, durante o trabalho como atendente de telemarketing. Foi nesse período que Lucas começou a sentir o peso das responsabilidades e a incerteza do futuro. E ele não está sozinho.

Dados do Ministério da Previdência Social (MPS) mostram que, em 2024, quase meio milhão de trabalhadores foram afastados por problemas de saúde mental, o maior número em pelo menos uma década.¹ O Brasil vive uma crise nesse campo e a história de Lucas é um reflexo disso.

Além do trabalho, ele relembra algo que marcou profundamente sua vida: os desafios de crescer como filho único.

— Eu sempre fui acostumado a ter tudo o que queria na hora que queria. Fui muito mimado. Então, depois que fui crescendo, tive que me acostumar com o fato de que as coisas não acontecem na hora e do jeito que eu quero.

Refletindo sobre essa experiência, ele compartilha:

— Ir atrás das minhas próprias coisas e ver o quão difícil é gerou muitas frustrações em mim. Isso impactou até na questão das crises de ansiedade, porque eu me desespero por coisas bestas muito fácil.

Foi nesse contexto que, em 2022, Lucas teve seu primeiro

contato com a maconha. A primeira experiência foi discreta, quase imperceptível. Mas na segunda tentativa, ele percebeu algo diferente: uma sensação de tranquilidade que não sentia há muito tempo.

— Na primeira vez, não senti muito efeito, então foi mais por influência dos amigos. Não achei nada demais, mas como a maioria dos meus amigos usava, acabei experimentando mais uma vez, tentando aqui e ali. Foi então que comecei a perceber os efeitos e a gostar um pouco mais.

Lucas afirma que, antes do primeiro contato, o universo das drogas sempre foi algo totalmente distante de sua realidade.

— Quando eu era criança, na minha cabeça, isso era algo com que eu nunca teria contato. Meus vínculos sociais nunca estiveram relacionados a isso. Era algo impossível de chegar até mim. Eu achava que nunca iria experimentar.

Para ele, a maconha se transformou em uma ferramenta para enfrentar as crises de ansiedade que o acompanham. Durante a entrevista, Lucas se referiu à substância como se estivesse falando de um ser vivo, algo que o acolhe e oferece conforto em momentos de turbulência.

— Foi como se eu finalmente conseguisse respirar.

Ele compara os efeitos da maconha com remédios que já usou, mas com uma diferença crucial: a maconha o deixa mais leve e relaxado.

— Como eu havia descoberto essas crises no trabalho, tomava vários tipos de remédios, como ansiolíticos e antidepressivos. Nenhum deles fez o mesmo efeito que a maconha fez comigo. Eu fico muito tranquilo e consigo lidar com meus dias bem melhor.

Lucas não nega a influência dos amigos no que diz respeito ao contato com a droga.

— Fui influenciado pelo ambiente e pelos amigos que conheci quando comecei a frequentar festas. Acabei tendo vínculos de amizade em que a grande maioria fazia uso. Então, acabei tentando, senti o efeito e percebi que ali havia algo que gostei. Eles me ofereciam e, por muito tempo, eu recusava, porque nunca senti vontade de fumar. Não me atraía a ideia, especialmente com o cigarro comum, que até tentei uma vez para saber como era, mas nunca consegui me acostumar com o gosto. Quando finalmente decidi testar, foi mais para superar essa resistência, movido pela curiosidade e para poder falar com propriedade sobre a experiência.

Hoje, ele diz evitar o uso excessivo, temendo a dependência. Uma semana sim, uma semana não.

— Eu priorizo outras coisas, como pagar as contas e comprar comida.

A maconha é usada por ele principalmente em contextos sociais, como festas e eventos, onde se sente mais à vontade para relaxar. Seus amigos, ele conta, têm uma relação semelhante com a substância.

— Às vezes, acontece de eu dividir com algum amigo e, quando vou comprar, compro em pouca quantidade, justamente para não ficar dependente. Não gosto de me sentir dependente e tento manter um limite. Tento reduzir o uso socialmente, para que não precise viver sob o efeito.

Lucas se descreve como uma pessoa impulsiva, que age antes de pensar. Mas a maconha, segundo ele, o ajudou a encontrar um equilíbrio.

— O efeito me faz ficar leve e dá um alívio. É como se

toda a carga do dia fosse recarregada ali. Fico muito mais tranquilo para lidar com as coisas. Já tomei vários remédios, e nenhum me deu a mesma sensação de leveza que a maconha me dá.

Apesar dos benefícios citados, Lucas prefere manter o hábito em segredo dos pais.

— Eles são contra e eu respeito isso. Preferi fazer uso depois de sair de casa. Eu não costumo me abrir para eles. Eles não sabem e nem acho necessário contar, porque é uma coisa que diz respeito a mim mesmo e não tem por que mais ninguém saber.

Lucas nunca se relacionou com mulheres, apenas com homens, mas não faz questão de rotular sua sexualidade, preferindo viver sem pressões ou expectativas.

Segundo ele, o uso de maconha melhorou seus relacionamentos, o ajudou a se aceitar melhor e a lidar com as inseguranças que surgiam em relação à sua identidade.

— Eu sempre fui muito complicado em relacionamentos e a maconha me ajuda em discussões e diálogos. Ela me faz evitar falar coisas das quais eu possa me arrepender depois. Pelo fato de a maconha me acalmar, eu repenso o que vou dizer. Isso já evitou que eu falasse coisas que não devia, até mesmo com familiares. Eu falo o que vem à minha cabeça, mas, quando estou com a maconha, é como se eu pensasse mais e analisasse minhas falas para lidar com as situações.

Desde criança, Lucas tem como maior sonho viajar pelo mundo e conhecer novos lugares. O desejo permanece vivo e agora ele vê isso como uma possibilidade real.

— Quando era mais novo, achava que nunca teria a oportunidade de viver essas experiências, mas hoje eu sei que

posso conquistar isso.

Lucas foi criado frequentando a Igreja Católica, mas afirma não ser religioso. Embora não siga nenhuma fé específica, gosta de aprender sobre diferentes crenças e, vez ou outra, participa de cerimônias religiosas apenas pela experiência.

Em relação ao futuro, deseja ter conquistado seus objetivos ou, ao menos, estar trilhando o caminho certo para alcançá-los.

— Não sei se a maconha ainda vai estar presente na minha vida. Não sei qual será o período de tempo que vou utilizá-la. Independente de estar com a maconha ou não, quero estar de uma maneira confortável, sem as crises.

Para ele, os benefícios superam os malefícios, principalmente no controle da ansiedade. Também observa a mudança na percepção social, citando que hoje a maconha é mais aceita e carrega menos estigma do que antes.

— Até a aceitação social acho mais tranquila, porque era muito difícil ver alguém usando em público. Hoje, em qualquer festa que você for, numa área de fumantes, vai ter alguém usando. Vejo amigos meus confortáveis em fumar em público e as pessoas que passam não demonstram um olhar de julgamento como era antes.

Lucas afirma que não se arrepende de ter iniciado o uso da substância. Além disso, destaca que as críticas que ouvia dos pais sobre a maconha, surgiam principalmente quando assistiam reportagens na televisão – algo que, segundo ele, hoje acontece com menos frequência.

— Eu usaria da mesma forma. Não é algo que impacta negativamente a minha vida. Se eu pudesse voltar no tempo,

faria as mesmas escolhas. Antigamente, eu via meus pais criticando horrores. Sei que eles não são a favor, mas hoje não vejo mais isso.

E assim, entre os véus da aparente serenidade e aceitação, Lucas carrega consigo as marcas silenciosas de uma infância solitária e o peso das cobranças no âmbito familiar. Como tantos outros, encontrou na droga uma rota de escape, uma bússola para enfrentar a ansiedade e os conflitos internos.

Ele acredita ter alcançado certo equilíbrio, diz que aprendeu a pensar antes de agir, mas ainda convive com incontáveis dúvidas não verbalizadas. Há uma dissonância entre o Lucas funcional e contido que o mundo enxerga e a tempestade que habita seu íntimo. Aos olhos dos outros, sua vida parece seguir um roteiro previsível, mas, por trás da fachada, há um labirinto de inseguranças.

A família, embora presente, nunca soube decifrar suas dores e as expectativas depositadas sobre ele desde cedo criaram um muro invisível entre o que sente e o que consegue expressar.

¹ **G1.** Crise de saúde mental: Brasil tem maior número de afastamentos por ansiedade e depressão em 10 anos. Publicado em 10 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2025/03/10/crise-de-saude-mental-brasil-tem-maior-numero-de-afastamentos-por-ansiedade-e-depressao-em-10-anos.ghtml>.



4.

VINICIUS

**MINHA MÃE
ERA UMA
FIGURA QUE
ME CAUSAVA
MUITO MEDO**

Taquaritinga do Norte, batizada como “Dália da Serra” por suas praças adornadas com as cores vibrantes dessa flor. Brejo da Madre de Deus, palco da grandiosa encenação da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém, que atrai milhares de pessoas a cada ano. Duas cidades no interior de Pernambuco, unidas por uma história em comum: a de Vinicius, que veio ao mundo na primeira e teve sua existência moldada na segunda.

Ele nasceu em 9 de dezembro de 1999 e, com antecedência, aprendeu que a vida não lhe reservaria jardins tranquilos. Desafios sociais, familiares e econômicos marcariam sua trajetória espinhosa.

A casa, de paredes descascadas e janelas quebradas, guardava mais do que móveis velhos e roupas remendadas. Dentro dela, uma criança franzina que aprendia, antes mesmo da alfabetização, as lições mais cruéis da vida.

Conviveu com o cheiro constante de cachaça misturado ao cigarro comum, com os gritos de brigas e a ausência de um pai, que partiu cedo demais. Uma ausência que nem chegou a doer. Morreu quando Vinicius tinha cinco anos, mas já era um fantasma antes disso.

— Ele não era uma figura presente. Só dava dinheiro à minha mãe para ajudar nos custos. Depois da morte dele, não tive mais nenhum tipo de suporte da família paterna.

Crescer em um ambiente sem acesso a serviços básicos como água encanada, saneamento e transporte público fez com que Vinicius vivenciasse dificuldades estruturais desde muito jovem. Mas os obstáculos materiais eram apenas uma parte de sua luta, pois ele também enfrentava desafios emocionais devido à sua identidade como pessoa LGBTQIAPN+ em um ambiente hostil.

— A gente não tinha televisão em casa, então eu brincava muito na rua. Eu tinha minhas amizades e brincava com os meninos, embora sentisse que não pertencia a um grupo. Mas eu não deixava que isso me excluísse.

Vinicius descreve o ambiente escolar como tóxico, marcado por piadas e provocações constantes que tornavam a experiência dolorosa.

— Por eu ser gago, afeminado e já ter traços de que eu era gay, acabava que eu era alvo de bullying. Sofria bastante, só que a escola, para mim, não era um ambiente ruim. Eu não deixava isso me abater porque eu gostava de estudar. Era um ambiente em que eu aprendia.

Se, por um lado, era vítima constante, por outro, a escola representava seu principal escape da realidade familiar conturbada.

— Essas situações me deixavam triste e chateado, só que quando a pessoa é criança, não entende direito. A escola era a única fuga que eu tinha da minha casa.

Mesmo nas dificuldades, encontrou solidariedade.

— Embora tivesse bullying, eu tinha uns amiguinhos, que normalmente eram as pessoas que também eram excluídas. Então acabava que, por mais que tivesse pessoas que praticassem isso com a gente, tinha uma outra parte com quem eu criei vínculo e a gente criou um núcleo.

Cresceu entre três meio-irmãos em uma rede de afeto improvisada. Eram eles contra o mundo, contra a precariedade, contra a mãe que, muitas vezes, desaparecia no meio da noite para beber.

— Era como se fosse uma bolha. Eu e meus irmãos. A gente se fortaleceu com isso.

Vinicius e seus irmãos eram pressionados a estudar. Sua mãe, Dona Marisa, exigia, muitas vezes com ameaças, que não faltassem às aulas, para não perder o benefício do Bolsa Família. Com o tempo, porém, Vinicius percebeu que a educação não era só uma obrigação, mas uma oportunidade de transformação.

Dona Marisa sempre esteve presente em sua vida, embora sua batalha contra o vício em álcool trouxesse consequências dolorosas. A luta pessoal dela se refletia diretamente no ambiente familiar, tornando-o marcado por violência e instabilidade.

— Foi uma infância bem turbulenta, com bastante trauma. Minha mãe era uma figura que me causava muito medo, muito espanto.

A situação familiar se tornava ainda mais difícil por causa de um relacionamento abusivo que sua mãe manteve por dezessete anos. Uma relação marcada por agressões, muitas delas agravadas pelo uso de álcool.

Vinicius testemunhou inúmeras cenas de violência em um ciclo que, frequentemente, acabava na delegacia.

— Já rolou situações em que ela foi presa e o meu padrasto também. Ela foi presa um dia, e ele em outro. Tanto ele quanto ela se agrediam com constância.

Reconhece que a negligência da mãe deixou marcas, mas não a culpa.

— Acho que a gente só pode dar o que a gente tem. Ela também não tinha uma estrutura familiar boa e dava o que podia dar.

Aos poucos, Vinicius foi entendendo como os problemas da mãe marcaram sua vida.

— Depois de ter passado por processo de terapia e por um tratamento psiquiátrico, eu entendo que isso acarretou muitos traumas na minha vida. A negligência dela, não só comigo, mas com os meus irmãos, foi uma coisa muito traumatizante. Eu já perdoei e essas feridas ficaram para trás. Só que ainda assim são feridas.

Quando ingressou no ensino médio, a situação financeira da família piorou, o obrigando a trabalhar de dia como atendente de telemarketing para ajudar em casa. Foi assim que passou a estudar à noite, dividindo-se entre o cansaço do serviço e a determinação para realizar seu maior sonho.

— Meu maior desejo era morar só. Não tinha nenhum outro sonho que se passasse depois desse. Crescer, arrumar um emprego e sair de casa para que eu conseguisse fugir desses traumas e abusos psicológicos que a minha mãe colocava em mim e nos meus irmãos.

Vinicius persistiu.

— Terminei o ensino médio porque era meio que uma obrigação. Eu sabia que, se eu quisesse conseguir alguma coisa melhor na vida, eu ia ter que terminar os estudos. Eu já tinha uma carga de CLT nessa época.

Enquanto projetos escolares alertavam sobre os perigos das drogas ilícitas, Vinicius cresceu em um ambiente onde o uso de álcool e tabaco era tão comum que sequer era questionado, uma contradição que marcava para sempre sua relação com as substâncias.

— Eu cresci em um bairro marginalizado e as pessoas recorriam às drogas. Cresci vendo a minha mãe bebendo, fumando, frequentando esses locais. Eu tinha uma percepção de que esses tipos de drogas lícitas não eram drogas.

O primeiro gole de álcool veio aos 17 anos, numa rodinha de amigos. Bebeu porque quis, porque a curiosidade era maior que o medo. Depois, veio a fase da cachaça barata, dos fins de semana embriagado, das ressacas que doíam no corpo e na alma.

— Teve uma época em que eu bebia muita cachaça; acho que durou um ano. Eu bebia todo final de semana. Saía muito com grupos de amizade e daí eu bebia com eles. Tava afim de fugir da realidade.

Vinicius relembra que sua experiência com o álcool sempre foi marcada por exageros e desconforto, já que frequentemente passava mal e vomitava após beber. Anos depois, ao ser diagnosticado com diabetes tipo 1, passou a entender melhor essas reações.

A diabetes exige cuidados especiais com o álcool, pois pode levar a complicações graves, o que explica por que seu corpo reagia de forma tão intensa, mesmo com quantidades que, para outras pessoas, não seriam problemáticas.

Essa descoberta tardia fez com que revisse seus hábitos e entendesse os riscos que correu sem saber.

— Hoje em dia, eu bebo uma cervejinha ou outra. Beber para ficar bêbado e dar PT, eu não bebo mais. Quando eu estou de boa, uma taça de vinho, uma cervejinha. Mas para ficar louco como antes, não acontece mais não.

Vinicius chegou à conclusão de que o álcool havia se tornado um problema quando percebeu que beber era apenas uma forma de fuga. Os efeitos negativos eram evidentes: as ressacas o deixavam fisicamente debilitado e também desencadeavam crises de ansiedade, um profundo vazio existencial e dias inteiros perdidos na cama, incapaz de lidar com as suas

próprias emoções.

Aos 18 anos, experimentou maconha num show de carnaval em Recife. Esperava um efeito alucinógeno, visões, um êxtase cinematográfico. Só sentiu um peso nos olhos e decepção. Mesmo assim, continuou.

— Eu já tinha muita vontade de fumar. Me ofereceram, e eu fumei. No primeiro uso, eu não senti muita coisa não. Era uma curiosidade muito grande que eu tinha porque achava que o efeito seria outro.

Quando passou no Enem e se mudou para Campina Grande para estudar na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em um curso que prefere manter em sigilo, o uso se intensificou.

— Aqui, a maconha virou parte da rotina. Meus amigos fumam, a vida universitária facilita. Não sinto que me faz mal como o álcool, mas sei que faz procrastinar.

A Rainha da Borborema representou um mundo completamente novo em comparação com sua cidade natal. A vida universitária, um novo emprego como assistente administrativo e a exposição a um ambiente urbano maior transformaram seus hábitos. Nesse novo contexto, com maior liberdade e diferentes círculos sociais, o consumo de maconha passou de algo eventual para um hábito regular.

— A maconha puxa para uma zona de conforto muito grande. Se você tem predisposição a procrastinar, ela tende a aumentar isso. Só que, diferente do álcool, eu não sinto que isso me faz um mal tão grande. Lógico que se eu disser a você que ela não faz mal, estou sendo burro. Eu lido de boa. Não estou querendo minimizar, nem relativizar, mas não é algo que eu ache que tenha um impacto muito profundo na

minha vida não.

Hoje, aos 25 anos, Vinicius reconhece que está em uma fase de transição. O álcool já não tem tanto espaço em sua vida, mas a maconha e o tabaco acabaram se tornando vícios difíceis de largar.

O tabagismo o fisgou. Virou companheiro, antídoto, ritual cotidiano.

— Atualmente, é o meu melhor amigo. Aonde eu vou, levo. É uma forma de controlar a minha ansiedade. Se eu pudesse voltar no tempo, continuaria fumando do mesmo jeito o meu cigarrinho.

Já tentou parar por conta própria, mas nunca procurou tratamento específico para dependência química, pois, segundo ele, suas experiências com drogas nunca atingiram um nível que exigisse esse tipo de intervenção.

— Já tentei parar com a maconha, só que eu sempre tenho recaídas. Acho que, talvez, por eu estar em um ambiente onde praticamente todos os meus amigos, todos mesmo, fumam maconha, então estou muito propenso a isso. Eu já tentei parar por questões financeiras. Poderia estar gastando com outra coisa, como saúde, alimentação, lazer. Então, isso é o que me fez querer parar, só que eu sempre tenho recaídas.

Sobre a influência do ambiente, Vinicius reflete:

— Acredito que o ambiente que você frequenta possa ajudar a ter um contato maior, porque se você está em um ambiente onde tem drogas, as pessoas lhe oferecem. Você já está propenso e tem algum tipo de curiosidade em experimentar. Lógico que isso vai ser um facilitador para que você use. Só que eu também não acredito que as pessoas façam algo que não queiram fazer.

Ele afirma com convicção que tudo o que fez partiu de sua própria vontade, mas também admite influências indiretas.

— Eu cresci no meio de pessoas que bebiam e fumavam, mas eu tenho 100% de consciência de que tudo que eu fiz e que tudo que eu experimentei foi porque eu quis. Eu fui e disse: eu quero, bora, pronto e acabou.

Vinicius diz que a sua família sabe do seu consumo de drogas e, segundo ele, não o julga. Nunca se envolveu em conflitos violentos relacionados ao uso de substâncias. Sua experiência com drogas se limitou essencialmente à maconha, tabaco e álcool, tendo experimentado LSD, também chamado de “doce”, mas parou com o uso após uma má experiência que o deixou extremamente ansioso e com a sensação de que aquilo fez mal ao seu cérebro.

Reconhece que, cedo ou tarde, terá de lidar com o vício em nicotina. Está decidido a parar de fumar e revela que está considerando buscar ajuda profissional no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Ao falar sobre sua busca por equilíbrio e bem-estar, também menciona sua vivência espiritual, revelando ter transitado por diferentes vertentes religiosas.

— Eu fiz a primeira comunhão, já tentei frequentar terreiros de Candomblé, já tentei participar de grupos espíritas, já fui a encontros evangélicos, mas eu não me identifico com nenhum tipo de religião. Acho que é uma cobrança muito grande e não me ajuda em nada. Acho que me atrapalha muito mais do que me ajuda.

Vinicius possui uma visão independente.

— Eu acredito em Deus, eu acredito em boas energias, acredito que se a gente busca ser uma pessoa melhor, as coisas

começam a dar certo. Só que eu não ligo isso à religião, eu ligo isso ao crescimento de forma individual.

Diz que a abordagem religiosa não se alinha a ele.

— Não gosto, não me identifico, não acho que seja para mim, não. Eu entendo que a religião funciona para outras pessoas que talvez tenham um uso de drogas mais pesado. Ajuda a ver uma luz no fim do túnel, mas, no meu caso, não serviu não.

Ele encontra motivação e inspiração ao acompanhar histórias de artistas que superaram o vício em drogas, destacando o exemplo da cantora Demi Lovato, cuja trajetória o inspira.

Vinicius deixa claro que não apoia o consumo de drogas ilícitas, sobretudo as mais pesadas, por reconhecer seu potencial desencadeador de transtornos psiquiátricos. Contudo, questiona a abordagem social dada aos usuários.

— As pessoas são desumanizadas. Açam que quem usa drogas automaticamente vira um marginal, mas muitos são funcionais, trabalham, estudam. O problema não é só a droga, é o que leva a pessoa a ela. É como se elas perdessem o direito de trabalhar, de conviver em sociedade e de ter uma família.

Reconhece que se afastar de certos círculos sociais poderia ajudá-lo a manter distância das drogas, mas não pretende cortar relações com amigos que usam.

Ele expressa o desejo de abandonar o tabagismo, consciente de que ao buscar tratamento, precisará também deixar a maconha, pois entende que ambos os hábitos estão interligados.

— Eu vejo como uma fase. Acho que eu não vou ser maco-
nheiro pelo resto da minha vida. Acho que em breve eu largo

isso, porque não tem mais a graça que tinha antes. Mas, no momento, eu não pretendo fazer isso não. O cigarro ainda tem graça. Eu gosto mais de fumar cigarro do que de fumar maconha.

No horizonte, Vinicius desenha um futuro próspero: a conclusão de sua graduação (está completando o oitavo período), a continuidade dos estudos em um programa de mestrado e a realização do sonho da casa própria.

— Sou uma pessoa responsável, faço o que tenho que fazer da minha vida e sigo do jeito que está. Essas fases vão ser deixadas para trás na minha trajetória, porque eu entendo que a minha vida não pode se resumir ao que eu fiz. Eu sou muito mais do que meus vícios, meus traumas, meus medos ou os abusos que eu tive no passado.

Vinicius afirma que não mudaria um só passo de seu caminho, ainda que hoje carregue certa culpa em relação ao cigarro. Essa dependência, embora incômoda, ele acolhe como passagem necessária, travessia que, por ora, parece inevitável.



5.

FERNANDO

**ACORDAVA
PARA USAR
E USAVA
PARA
DORMIR**

Aquela manhã estava quente, mas o vento insistia em bailar entre as árvores, levando consigo o som das folhas caindo no chão. Era o tipo de dia em que os pássaros cantavam sem parar, embalando a rotina do movimentado bairro da Liberdade – o mesmo onde conversamos com Sérgio. Em frente à Escola Estadual Murilo Braga, o cenário se formava para mais uma entrevista: atrás, o ginásio esportivo Evonilson Menezes; à esquerda, a Igreja Santa Filomena; e, no meio da praça, uma estátua de Nossa Senhora que nos observava.

O sol refletia tranquilidade, mas havia uma tensão no ar, como se a entrevista, marcada ali, fosse um momento crucial, uma porta que se abria para um passado cheio de dor.

O banco da praça parecia nos abraçar, acolhendo as sombras que se formavam ao redor, enquanto as conversas antes do encontro eram pontuadas pela dúvida. Fernando viria mesmo? Ele tinha nos prometido que estaria ali, mas havia um peso de incerteza que vinha de nós. Pensamentos disparavam enquanto os minutos passavam.

Então, ele chegou. A imponente moto de trezentas cilindradas parou, e Fernando desceu dela com a calma de quem, por um momento, parecia tentar adivinhar o que o aguardava. Sentou-se ao nosso lado e contou sua história.

Nasceu em Campina Grande, no dia 24 de maio de 2004, e tem 20 anos. No entanto, foi em Lagoa de Roça que passou grande parte da infância, em uma casa situada em frente a um campo de futebol. Cresceu em uma família de classe média, composta pelos pais, Seu Walter e Dona Ana, e duas irmãs, Fernanda e Fabiana.

Seu pai, pedreiro e analfabeto; sua mãe, autônoma com ensino médio incompleto. Enquanto uma irmã se formou em Psicologia e a outra cursa Biologia, Fernando encontrou

dificuldades no caminho escolar, abandonando os estudos antes de concluir o ensino médio.

— Acredito que, depois dos meus 15 anos, foi onde foi se acarretando minhas dificuldades. Eu tenho muita facilidade de fazer amizade e tinha amigos de todas as classes: ricos, pobres, o pessoal da periferia.

Diz que a diversidade de círculos sociais o deixou dividido e confuso, pois não conseguia se identificar com nenhum grupo específico, gerando nele uma sensação de não pertencimento. Essa falta de definição sobre seu lugar no mundo contribuiu para suas inquietações durante essa fase.

A infância de Fernando foi marcada por uma dinâmica familiar instável.

— Minha irmã mais velha, que é a que eu me dou bem, morava com minha avó. Eu cresci junto da minha irmã do meio. Às vezes tinha desavenças, brigas, como acredito que tem em qualquer família.

Quando tinha nove anos, seus pais se separaram, e ele passou a dividir a rotina entre a casa da mãe e a do pai.

— Fiquei na dúvida de com quem eu ia ficar e fui com minha mãe.

Enquanto Dona Ana impunha regras e limites, Seu Walter lhe concedia maior liberdade, tornando a relação com ambos oscilante ao longo dos anos.

— Minha mãe me repreendia muito, não me deixava fazer minhas vontades, então eu ficava pulando de uma casa pra outra. Uma grande parte da minha infância foi dessa forma: indo e voltando.

Essa fase também foi marcada por momentos de lazer simples, bem como pelo desejo de ser engenheiro civil,

inspirado no trabalho de Seu Walter, com quem não tem mais contato.

— Eu gostava de jogar bola, soltar pipa. Naquele tempo, eu não tinha condição de ter um videogame. Quer dizer, até tinha, mas meus pais nunca me deram. Então, aproveitei o que tinha. Por isso, até hoje, eu não sei nem jogar FIFA. Depois, eles me deram um videogame que era um DVD, que vinha com jogos e dois controles.

Apesar de relatar uma infância com boas memórias, Fernando também enfrentou experiências traumáticas relacionadas ao alcoolismo de Seu Walter.

— Inúmeras vezes eu presenciei meu pai batendo na minha mãe. Ele chegava de madrugada, me acordando e me batendo. Muita coisa me marcou, muitos traumas. Chegou um momento que eu saía na rua, via uma pessoa bêbada e ficava com medo.

Na escola, havia projetos antidrogas da Polícia Militar, e Fernando teve contato com a iniciativa.

— A visão que eles passavam era de medo. Era que o drogado roubava, matava e destruía. Eu não queria isso não.

No entanto, ele destaca que, apesar do discurso repressivo, a convivência com o ambiente e as pessoas ao seu redor tiveram influência significativa em sua percepção. Mesmo sem usar drogas, convivia com familiares e amigos que as consumiam.

Foi aí que teve o primeiro contato com o álcool, ainda na infância, aos 10 anos.

— Meu pai era alcoólatra. Bebia muito, principalmente em casa. Então, foi despertando um interesse. Às vezes também tinha as festinhas com os amigos, e eles pegavam cerveja

escondido. Começou por aí, de criança, esse comportamento adictivo. Isso vem lá de trás, parece até camuflado, mas é bem aparente.

A curiosidade e o ambiente em que estava inserido foram fatores determinantes para que, aos 12, experimentasse maconha pela primeira vez.

— Maconha foi em particular, eu e um colega. Ele já fumava.

Fernando relata que fazia uso diário de maconha, enquanto o consumo de álcool era mais esporádico.

— Nunca gostei de beber, até pelo fato do meu pai ser alcoólatra. Eu sempre carreguei nas minhas crenças que nunca queria ser igual a ele, mas, de certa forma, eu consegui ser pior.

Ao longo da adolescência, envolveu-se cada vez mais com as drogas. Do álcool e da maconha, passou a consumir cocaína, ecstasy, LSD, loló e, posteriormente, crack. O impacto foi devastador.

Ele reflete sobre o efeito de suas escolhas em Dona Ana.

— Ela ficou muito triste. Acredito que é um dos maiores desgostos que uma mãe pode ter. Eu não sou pai, então não entendo qual é o amor de um pai pra um filho, de uma mãe pra um filho. Mas eu, hoje limpo, em sobriedade a múltiplos anos, consigo enxergar a dor porque hoje em dia eu consigo ver famílias que sofrem como a minha sofreu.

Conta que sua vida foi comprometida, suas relações se desgastaram e, em determinado momento, chegou a traficar drogas para sustentar o vício. No entanto, não detalhou mais esse assunto durante a entrevista.

Fernando explica que, por um tempo, Fernanda e Fabiana

tentaram ajudá-lo com conselhos, mas destaca, citando a literatura do NA, a natureza da dependência química: nenhuma medida externa, seja física ou emocional, como ameaças, agressões, confinamento ou mesmo orações, é capaz de fazer um dependente abandonar o vício se ele próprio não tomar essa decisão.

Entre todas as substâncias que experimentou, o crack foi a mais destrutiva. Ele descreve os efeitos persistentes no seu organismo até hoje, citando problemas de atenção e funções neurológicas.

— Hoje, eu só consigo assistir um filme no cinema, porque eu pago e tenho que ficar até o fim. Em casa, coloco um filme, mas não consigo assistir até o final. Eu fico muito imperativo.

Outra sequela é a visão danificada.

— Não sei se percebeu, mas tenho uns movimentos nos olhos que são muito repentinos. Ele abre e volta, abre e volta.

Consumiu crack por cerca de dois anos, tendo experimentado a substância antes da primeira internação. Tentou parar sozinho, sem sucesso. No total, passou por duas internações.

— A primeira foi em outubro de 2021. Aí, menos de um ano na rua, eu já tava na decadência novamente. No dia 23 de setembro de 2022, fui internado de novo.

O vício impactou sua trajetória profissional, impedindo-o de estabelecer um emprego formal. Durante o período de uso, sustentava-se com “bicos”. Trabalhava para Dona Ana, dona de um comércio de espetinho de churrasco, e para Seu Walter, de quem também recebia algum dinheiro. No entanto, todos os recursos que ganhava eram direcionados para as drogas.

— Atualmente, eu sou motoboy. Posso falar a verdade? Eu tô com desgosto de patrão, pô. Vou abrir meu próprio negócio.

Fernando, que já vive em sobriedade há três anos, compartilhou o sonho de empreender na área da gastronomia, herança do convívio com a mãe cozinheira.

— Eu amo cozinhar porque alimentar as pessoas é um ato religioso. Poder passar a fome de alguém, e não fazer o que eu já fiz. Eu vendia drogas que tiravam a fome das pessoas, que tirou até a minha.

Ele descreve como as drogas afetaram sua capacidade emocional e seus relacionamentos.

— O uso de drogas retira seus sentimentos, então você não consegue nem chorar. Até consegue chorar, mas não é real. Eu via minha mãe psicologicamente frágil, mas eu não sentia nada, meu irmão. Eu não tinha remorso pelo sofrimento dela.

Os momentos de arrependimento só surgiam quando o efeito passava.

Fernando, cujo rosto jovem contrasta com suas vivências, descreve o efeito do crack.

— Foi uma das melhores sensações de prazer e de conforto que eu já senti, mas é uma sensação de dois minutos. Depois dela, vem um desespero, uma agonia, uma paranóia.

Ele explica o mecanismo vicioso.

— Pela primeira dose ser tão boa, por liberar todas as substâncias prazerosas possíveis do cérebro, na outra dose ela já não faz o mesmo efeito. Aí é que começa a decadência. Vamos ser bem diretos, se você usa, ela te eleva às alturas. Mas, na próxima vez que você usar, ela não vai mais trazer

a mesma sensação.

O crack desencadeava emoções negativas intensas, deixando-o em constante ansiedade e depressão. Ao contrário do estereótipo do usuário agressivo, a substância o levou ao isolamento. Esse processo ficou evidente em um relacionamento amoroso que viveu.

— Eu queria ficar sozinho. Eu tinha medo, vergonha, de ver o estado que eu tava ficando. Teve uma vez que eu passei uma semana inventando desculpas pra ela não me ver.

Seus momentos de lazer transformaram-se radicalmente após superar a dependência química. Hoje, incluem andar de moto e participar de encontros do Narcóticos Anônimos. Quando fala do futuro, não há mais espaço para promessas vazias, apenas o desejo de manter uma vida regrada

— Eu sou feliz. Muito mais do que eu era antes. Eu acordava pra usar e usava para dormir. Hoje, eu consigo tomar café. Consigo pelo menos escovar os dentes primeiro antes do café, porque eu não escovava e muito menos tomava o café. Já ia pro uso.

Fernando critica a visão estereotipada que a sociedade tem sobre dependentes químicos.

— Eu já fui um maconheiro depravado que fumava na frente de casa e na frente dos outros. Não tinha mais vergonha e levava enquadro da polícia. Eu também fui aquele cara que passava na rua se escondendo indo comprar crack e muita gente me julgava.

Mesmo após três anos de sobriedade, sente que muitas pessoas ainda desacreditam dele, aguardando uma recaída.

— Tem tia minha mesmo que não acredita que eu tô limpo, mas aí eu não posso fazer nada. Eu só tenho que fazer

por mim. A recuperação é individual.

Afirma que não teve recaídas, nem com álcool, nem com maconha ou qualquer outra substância psicoativa.

— Se eu tivesse, não tava nem aqui falando contigo. Nem tarja preta eu tomo mais, meu irmão.

Passou nove meses em tratamento multidisciplinar com psiquiatra, psicólogo e terapeuta. Ele revela que a decisão de parar partiu da intervenção de Dona Ana.

— Eu não fui internado com vontade de parar de usar. Sinceramente, foi por causa da minha mãe e eu não ia agir contra ela. Ela disse que queria me internar e eu aceitei. Eu tinha noção que precisava, mas eu queria usar droga.

Naquele momento, Fernando estava em um estado de completa desesperança.

— Eu já dizia pra mim mesmo que eu queria morrer usando droga, que não iria conseguir mais estudar, que não iria conseguir mais ter um relacionamento, que não conseguiria mais sonhar.

Relata que esteve em clínicas com diversas pessoas em situações similares, uma experiência que classifica como estranha devido aos contrastes vividos.

— Eu já conheci tanta gente, tantos lugares. Bons e ruins. Já frequentei lugares que o assento era sofá de couro, mas também já visitei lugares onde tinha fezes no chão.

As memórias mais marcantes foram os episódios psicóticos causados pelo crack.

— Eu já vi algumas coisas que não eram reais. Já vi bicho, já ouvi vozes. Quando eu fui internado, já tava surtado. Por isso que eu precisei muito de tratamento psiquiátrico. Eu tomava 10 tipos de medicação por dia. Foi um milagre

eu voltar do surto porque tem gente que tem surto e é irreversível.

Durante a internação, recebia visitas apenas de Dona Ana e do padrasto, enquanto os amigos de outrora desapareceram completamente.

— Nunca ligaram, nunca mandaram um abraço, nunca mandaram uma carteira de cigarro.

Paradoxalmente, foi na reabilitação que construiu amizades verdadeiras com pessoas que o apoiaram, mantendo contato com algumas até hoje.

Sorridente, Fernando nos mostrou em seu celular uma conversa com um ex-colega de internação, que recentemente compartilhou com ele a compra de uma moto 0km. Ele conta que esse amigo perdeu uma vaga em concurso público por falhar em um teste toxicológico, mas que hoje está recuperado e vive bem.

Ao relembrar histórias de superação, Fernando acabou tocando em outro aspecto importante de sua vida: a espiritualidade, com a qual mantém uma relação complexa.

— Eu necessito ter uma boa espiritualidade, de estar bem comigo e com o Deus da minha compreensão. Minha família é católica, eu sou católico, mas sei lá. Eu fico tão confuso sobre religião, mas eu acredito em Jesus Cristo, em Deus. Eu não quero me aprofundar. É muito confuso.

Atualmente, mantém o hábito de frequentar a igreja, embora sua experiência com grupos de apoio religiosos tenha sido frustrante.

— Não funcionou. O povo dizia: vai pra igreja, fulano te reza. Já teve dia de eu brigar com minha ex-namorada antes de ir pra igreja. Eu deixava ela em casa e ia na boca usar droga.

Se pudesse voltar no tempo, mudaria sua curiosidade inicial pelas drogas e ouviria mais Dona Ana.

Fernando conheceu o Narcóticos Anônimos em 2021, durante seu tratamento, e considera a organização essencial para sua recuperação. Dentre as várias abordagens terapêuticas disponíveis, incluindo modelos religiosos, ele escolheu seguir o programa 12 Passos do NA.¹

— O Narcóticos Anônimos tá em todas as partes da minha vida hoje em dia. Me ensinou a viver e não a só existir. Me ensinou a me relacionar com as pessoas, a conversar com as pessoas.

A convivência com o grupo foi essencial, especialmente ao conhecer amigos com longos períodos de sobriedade. Um caso que o marcou foi o de um membro que ficou limpo por doze anos antes de falecer em decorrência de um câncer.

— A mãe dele conseguiu ver ele limpo. Ele conseguiu. Era um cara que levou a mensagem, era um cara que me ajudava muito.

Enfatiza a importância de sair do ambiente e das influências tóxicas do vício.

— Acredito que só em você sair daquela bolha, daquela área, onde tem aquela bactéria que te faz mal já é um grande passo. Qualquer ajuda é ajuda

Fernando afirma que sua verdadeira motivação para vencer o vício só surgiu quando percebeu que precisava fazer a mudança por si mesmo, não pelos outros. Ele relata que tentativas anteriores de parar para agradar a namorada e mãe sempre falharam, e foi apenas ao entender que sua própria vida estava em risco que encontrou força para se recuperar de forma genuína.

Ele explica que, segundo a filosofia do NA, estar limpo não significa estar recuperado, já que é possível manter longos períodos de abstinência sem resolver os problemas comportamentais e emocionais. O programa enfatiza que não há modelo único entre os adictos em recuperação, sendo a transformação integral mais importante que apenas o tempo de sobriedade.

Os 12 Passos, sobretudo o que envolve reparar danos causados a outras pessoas, representam essa jornada de crescimento pessoal que vai além da abstinência. Essa abordagem foi crucial para que Fernando entendesse que sua recuperação precisava abranger todas as áreas de sua vida, não apenas o cessar do uso de drogas.

Fernando expressa gratidão pelo seu relacionamento atual, algo que chegou a acreditar que nunca vivenciaria. Ele destaca o apoio e compreensão da sua esposa, que, embora não seja ex-dependente, demonstra sensibilidade em relação à sua trajetória.

— Minha irmã postou uma foto comigo e ela me seguiu. Foi assim que conheci ela. Antes, eu passei um ano sem me relacionar. Foi uma sugestão do meu terapeuta pra mim aprender a me relacionar comigo mesmo. Porque tem muito cara que sai do tratamento e vai atrás de mulher, se perde, se frustra.

Ele revela que ainda enfrenta situações onde pessoas, inclusive algumas que conhecem seu histórico de dependência, insistem em oferecer drogas, comportamento que ele classifica como próprio de inimigos. No entanto, demonstra ter desenvolvido ferramentas para lidar com essas tentações, conseguindo recusar com naturalidade.

— Eu digo: quero não véi. Hoje eu consigo muito fácil

dizer um não.

Fernando contrasta seu passado com a realidade atual.

— Hoje vai ser um dia muito corrido, muita coisa pra resolver. Hoje eu consigo resolver o problema e não ser o problema. Tem dia que eu nem lembro que já usei droga de tão feliz que estou.

O vento começou a se intensificar, as folhas caindo mais rápido, e a conversa foi se encerrando de forma tranquila, sem pressa. Quando Fernando se levantou, ele olhou para nós, talvez mais leve do que quando chegou, e com a sensação de quem compartilhou um pedaço de sua alma.

Nos despedimos. Ele montou em sua moto, e, foi embora, sem grandes alardes, deixando atrás de si o ressoar das palavras que tocavam a quem estava disposto a escutá-las. A praça continuou a sua rotina, como se nada tivesse acontecido. Mas para Fernando, aquela entrevista foi mais um passo de sua história.

¹ Os 12 Passos do NA podem ser consultados em: <https://www.na.org.br/os-12-passos/>.



6.

IVAN

**EU SÓ
PAREI
PORQUE
ESTAVA
MORRENDO**

O dia seguinte à conversa com Fernando nos trouxe de volta à mesma praça no bairro da Liberdade. O sol parecia um pouco mais brando ou era apenas a nossa percepção tingida pela história anterior. Sentados novamente sob a sombra das árvores, entrevistamos Ivan. Foi Fernando quem nos passou o seu contato, mencionando-o como a pessoa que, anos antes, havia levado a mensagem do Narcóticos Anônimos à clínica onde ele estava internado. Uma ponte inesperada entre duas jornadas.

Aos 40 anos, Ivan traz consigo uma vida entre extremos, desde Minas Gerais até este banco de praça em Campina Grande. De regata de basquete e bermuda, sentou-se conosco, pronto para revelar – pelo menos em parte, pois havia muito mais – um passado que, por muito tempo, pareceu irremediável. Já no primeiro contato, ele solicitou que alterássemos seu nome, local de nascimento e profissão atual.

Nascido em 23 de abril de 1984, em Belo Horizonte, Ivan é filho de Seu Ilmar, pedreiro, e Dona Kátia, dona de casa que acreditava no poder do chinelo e do cinto para endireitar os filhos. Ele cresceu ao lado do irmão mais novo, Iran, em um lar pobre, onde o pai, apesar de bom, era também alcoólatra, deixando no bar a maior parte do dinheiro.

Seus presentes de aniversário geralmente eram um par de tênis ou uma bola de futebol.

— Só o meu pai trabalhava. Eu não tive regalias como videogame ou bicicleta.

Apesar do alcoolismo de Seu Ilmar, Ivan ressaltou que o pai nunca foi violento com a família.

— De violência dentro de casa, só eu e meu irmão mesmo. A gente brigava todo dia, e, naquela época, mãe nos corrigia

batendo. Ela batia com chinelo e cinto. Eu já apanhei muito.

Aos sete anos, caiu de uma escada e quebrou os dois braços. O trauma ficou, mas não foi o pior. O pior foi cair, anos depois, no abismo do bullying. Na escola, ser inteligente era um crime.

— Eu sempre tirava notas boas, e a professora me elogiava. Ela dizia que eu era o único que tirou 10, o único que fez algo certo. Os caras ficavam putos. Quando ela saía, vinham pra cima de mim, e a gente rolava na sala batendo um no outro.

Agressões físicas e verbais eram parte de sua rotina escolar, uma realidade que ele escondeu por um tempo dos pais. Quando Dona Kátia entrevistou, Ivan sentia que o pai não compreendia a dinâmica, tendendo a culpá-lo.

— Minha mãe, às vezes, teve que ir à escola por causa dessas coisas. Eu falava pro meu pai, e ele não entendia direito. Ele achava que eu é que estava errado. Eu dizia: mas a culpa não é minha, não fui eu.

Em seu bairro, o contato com os vizinhos era escasso, tornando raras as saídas de Ivan na rua. Ele acredita que esse isolamento em casa foi um dos principais motivos que o tornaram um alvo para as provocações e agressões dos colegas.

Na escola, eram poucos os amigos – somente aqueles que não faziam parte da “turma do fundão”. O refúgio estava entre os primos e os colegas de bairro, onde o futebol reinava como principal diversão.

Sonhava em ser arqueólogo, inspirado em Indiana Jones, assim como Karolina, protagonista do capítulo 2. Porém, os sonhos logo se tornaram mais pragmáticos.

— Em certa idade, eu só queria ter um videogame.

Depois, quis ter um carro, uma moto. Foi variando conforme eu crescia.

A percepção sobre drogas era inicialmente negativa.

— Eu sempre vi droga como uma coisa ruim. Quem usa droga é viciado, tá acabando com a vida, tá se matando. Essa foi minha primeira percepção. Só que eu também não tinha consciência de que álcool era droga.

Aos 13 anos, numa festa de fim de ano na casa do avô, no interior de Minas, a curiosidade falou mais alto.

— Tava eu, meu pai, meu avô e vários parentes que bebiam. Meu avô comprava engradados de cerveja e deixava num porão. Eu e meu primo fomos lá, pegamos uma cerveja escondida e fomos tomar. Lembro até hoje da cerveja quente. Nossa, que negócio amargo, que coisa ruim. Mas a gente continuou tomando e ficou um pouco alcoolizado.

A maconha veio depois, na fase roqueira da adolescência. Entre goles de Cuba (pinga com refrigerante) e tentativas de tocar violão com amigos, alguém ofereceu.

— Eu queria ser astro do rock, queria tocar em alguma banda. Aprendi a tocar violão, e a gente se reunia pra beber e tocar. Aí teve uma vez que a gente tava bebendo e chegou alguém com maconha e falou: vamos fumar. A gente já tava meio alto e falou: bora.

Ivan relembra que a primeira experiência foi hilária, marcada por risadas e pela gafe de borrifar perfume na boca, pensando ser algo para o hálito.

— Eu ri pra caramba. Foi bem engraçado. Me deram um negócio que eu achei que era pra colocar na boca pra tirar o cheiro da maconha, pra eu não chegar em casa assim. Fiquei com a boca aberta. Era um perfume. Eu peguei e coloquei na

boca. Eles começaram a rir.

Conta que a experiência foi espontânea, mas também fruto da influência do ambiente, dos amigos e da cultura rock'n'roll.

— Isso influenciou. Eu gostava muito de Nirvana, mano. O Kurt Cobain foi um viciado de carteirinha e ainda tirou a própria vida. Eu nunca fui suicida, nunca quis tirar minha vida, mas tinha essa questão de morrer jovem e permanecer belo. Aproveitar enquanto dava tempo.

Mais tarde, passou a curtir Bob Marley, cuja filosofia rastafari Ivan reduzia apenas ao uso da maconha. A curiosidade, alimentada pela música e por filmes, o impelia a “ver como é que é”. Dali, a porta se abriu para um universo sombrio. Álcool, maconha, lança-perfume, cola, loló e éter vieram ainda na adolescência. A cocaína e o crack entrariam em cena mais tarde.

Embora a família soubesse do uso de maconha, Ivan, aos 23 anos e recém-casado, conseguiu convencê-los de que não passava disso. A verdade, porém, era conhecida apenas pela esposa Susana.

A percepção de que a vida estava fora de controle veio aos poucos, mas tornou-se inegável.

— Eu não pensava em fazer mais nada, só usar droga. Não conseguia mais trabalhar, não queria comer, não conseguia ficar perto da minha esposa, não conseguia ser marido, não conseguia ser pai. A droga tomou todas as áreas da minha vida: mental, espiritual, profissional.

Susana, inicialmente, tentou consertá-lo. Mas as recaídas constantes e os dias que viravam semanas longe de casa, minaram a esperança.

— Primeiro, ela pensou: vamos tentar, você vai conseguir. Eu ficava prometendo que ia parar, mas eram só promessas. Ficava um tempinho longe e voltava a usar. Ela estava cansada dessa repetição.

Certa vez, quando Ivan retornou para casa após três dias de ausência, se deparou com suas malas arrumadas. Foi quando Susana, de forma direta, pediu que ele fosse embora – marcando assim o fim definitivo do seu primeiro casamento.

Com o término do relacionamento, Ivan passou a repensar sua vida profissional. Ele iniciou sua trajetória como leiturista de água, percorrendo as ruas para realizar a leitura dos hidrômetros e entregar as contas nas residências. Permaneceu nesse trabalho por quatro anos, até pedir demissão por não suportar mais as condições da função.

Em seguida, migrou para o telemarketing.

— Era uma área em que eu ficava sentado, trabalhando só com a mente. Me acostumei com isso. Fiquei levando com a barriga.

Porém, as substâncias acabaram com a estabilidade profissional.

— A primeira coisa que eu fazia era querer sair dos empregos. Por qualquer chateação queria desistir, não completava nada. Tive muitos empregos. Minha carteira tem mais de 16 empresas registradas. Não sei como conseguia arrumar emprego.

Conta que, na época, perdeu ótimas oportunidades.

— Perdi empregos muito bons, onde ganhava bem. Sabe um operador de telemarketing ganhar quatro mil num mês? Era por causa das vendas que eu ganhava comissão, mas não consegui sustentar.

Tentou parar sozinho, duas vezes, sem sucesso. A condição veio no limite extremo: quase um ano morando nas ruas, debilitado, vivendo em albergues.

— Eu só parei porque estava morrendo. Ficava sempre deitado numa cama, e eles vinham trazer sopa.

Para ele, a rua foi palco de agressões verbais e físicas.

— No albergue, tem que chegar até certo horário, senão não deixam entrar. Quando atrasava, enfrentava violência e discriminação. Às vezes, eu estava deitado e o pessoal batia e dizia: sai daí! se eu te pegar de novo, você tá morto!

Agressão policial também era frequente.

— Tomava coronhada e soco no estômago. Perguntavam: o que você tá fazendo aqui? Eu respondia: perdi o horário do albergue. E escutava: seu vagabundo, você devia tá morto!

Foi ali, no fundo do poço, que surgiu a possibilidade de uma internação em uma vaga social do governo.

— Quando fiquei um pouco melhor, falaram que um pessoal podia arrumar uma internação pra mim.

Ivan aceitou. Foram quase doze meses de tratamento, divididos em dois períodos de seis meses, interrompidos por uma recaída. Foi nesse ambiente que conheceu o Narcóticos Anônimos, através de uma apresentação informativa, exatamente como ele faria anos depois na clínica de Fernando.

A princípio, porém, o julgamento falou mais alto. Achou que o grupo não era para ele. A recaída veio em seguida, forçando um retorno à internação e, eventualmente, uma nova chance ao NA. Ele conseguiu escapar, mas conta, com pesar, que seu irmão atualmente vive em situação de rua.

Ivan diz que a força para continuar veio de dentro de si.

— Foi eu mesmo admitir que era impotente, que

realmente queria uma vida nova. O que me ajudou foi eu mesmo. Depois, o NA e a igreja.

Mas também havia um farol externo nessa escuridão: a filha que teve com Susana. As lembranças dela – ensinando-a a nadar e a andar de bicicleta –, se tornaram uma âncora.

— Ela foi um pilar porque eu não tinha mais nada pra me agarrar, tá ligado? Minha mãe e minha família não me queriam. Não tinha mais mulher, não tinha mais nada. Então, eu me agarrei nisso. Eu vou ser bom pra minha filha porque ela, pelo menos um dia, vai ter orgulho do pai.

Hoje, com quatro anos e dois meses limpo, Ivan mantém uma relação sólida com a filha de 15 anos, que vive em Minas Gerais. Conversam todos os dias pelo WhatsApp e se visitam sempre que possível.

Reergueu a vida profissional: está há dois anos numa empresa – cujo ramo prefere não revelar – e recentemente conquistou uma promoção.

Ivan também refez sua vida pessoal e casou-se novamente.

— Minha esposa não me conheceu na adicção, senão não estaria comigo. Ela me conheceu já com dois anos limpo, bonitinho, gordinho, trabalhando, com a mente centrada.

Ciente de toda a história, ela ainda se surpreende com o que ele já viveu.

— Ela não acredita que eu usava droga. Pra ela, é difícil acreditar.

A família em Minas ainda o observa com cautela, com olhar atento a qualquer deslize. O estereótipo do “viciado sempre será viciado” é uma sombra persistente. Mas Ivan aprendeu a não deixar que isso o afete.

— Isso não vai me fazer usar droga. O que os outros

pensam não me afeta mais. Pra sociedade, o cara que usou droga sempre vai voltar. Ele está só dando um tempo. Nunca há uma crença real de que você mudou e tá conseguindo seguir em frente.

A emoção embarga sua voz ao lembrar o dia em que pegou a ficha de dois anos limpo no NA. Dona Kátia, que havia vindo do sudeste para a ocasião, não conteve as lágrimas ao testemunhar a conquista do filho.

— Ela caiu num choro de alívio e pensou: caramba, realmente é verdade.

Para Ivan, a fé cristã é um pilar importante, assim como a igreja que frequenta. Mas afirma que sua principal terapia é o Narcóticos Anônimos.

— Lá estão meus psicólogos, meus terapeutas.

O lema “sozinho nunca mais” se materializa nos companheiros do grupo, a rede de apoio com quem divide as lutas e também momentos de lazer, como viagens à praia. Olhando para trás, Ivan hesita sobre mudar algo. A dor, talvez, fosse necessária para forjar a mudança. Mas, rindo, diz:

— Talvez evitaria usar droga.

Ele completou o ensino médio, mas não conseguiu finalizar sua formação técnica e superior. Iniciou dois cursos técnicos, abandonando antes da conclusão. Posteriormente, tentou cursar Administração e, mais tarde, ingressou em um tecnólogo em Gestão Financeira, mas novamente não concluiu nenhuma das formações.

O futuro? O foco é continuar limpo até morrer. Conquistar a casa própria, um diploma (talvez em Psicologia, área que agora o atrai) são desejos, mas secundários. O essencial é viver só por hoje, trabalhando, juntando dinheiro quando

possível, mas sem desespero se não der. Para ele, é necessário sustentar a sobriedade e jamais abandonar o círculo de apoio do NA.

Enquanto a entrevista era finalizada, a tarde ia se transformando em noite. A praça, com seus ruídos cotidianos, parecia alheia à densidade de mais uma história compartilhada ali. Uma história de queda livre e de uma escalada de volta à superfície.

Ivan se despediu de nós com um aceno calmo, deixando no ar a presença marcante de alguém que sobreviveu ao vício, atravessou a escuridão e, ao emergir do outro lado, se tornou farol para aqueles que ainda tateiam no breu, provando, com sua própria existência, que é possível encontrar saída, mesmo quando tudo parece perdido.

E se você, caro leitor, nos perguntar o que aprendemos com estas histórias, diremos sem hesitar: apesar da escuridão, a luz está vencendo.

Para mais informações sobre o Narcóticos Anônimos, acesse: <https://www.na.org.br/>. Para encontrar o número da Linha de Ajuda mais próxima, visite: <https://www.na.org.br/linha-de-ajuda/>.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (DECOM)
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO

**ESTE LIVRO-REPORTAGEM FOI PRODUZIDO
COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

CAMPINA GRANDE

2025

SOBRE OS AUTORES



JONAS SOUZA nasceu em 1997, em Campina Grande (PB), e, desde cedo, interessa-se pela linguagem cinematográfica e pela produção audiovisual. Ingressou no curso de Jornalismo da UEPB em 2020. No campo profissional, atuou na assessoria de comunicação da Câmara de Dirigentes Lojistas de Campina Grande (CDL-CG) como redator e fotógrafo. Me Identifico é seu primeiro trabalho literário e propõe uma abordagem distinta de tudo o que havia explorado anteriormente, sobretudo por lhe apresentar uma missão de caráter investigativo e social.



VIVIANE ARAÚJO nasceu em 1998, na cidade de Esperança (PB). Ingressou no curso de Jornalismo da UEPB em 2020. Modelo de maquiagem e apaixonada por livros, sempre encontrou na leitura uma forma de se compreender e de enxergar o mundo com mais sensibilidade. Me Identifico marca sua estreia na literatura e representa um novo capítulo em sua trajetória criativa, ao abordar questões sociais com profundidade e empatia.





